



AVISO DE CONTEÚDO

Este livro contém violência gráfica, linguagem adulta e temas que podem ser profundamente perturbadores para leitores sensíveis. Inclui ainda conteúdo sexual e situações onde a bússola moral está seriamente distorcida.

Entra nesta história por tua conta e risco — algumas partes podem ser demasiado intensas.

*Para aqueles que perderam a voz.
Para aqueles que gostariam de ser a Lana Myers.
Para aqueles que ainda vivem nos sussurros alheios.
Para aqueles que lutam todos os dias para esquecer.
Não estão sozinhos.*



ÍNDICE

O RISCO	13
DESVIADA	135
ANJO ESCARLATE	243
TODAS AS MENTIRAS	373
TINGIR TUDO DE VERMELHO	507

LIVRO 1

O RISCO



Jim Hoover
Chuck Costy
Nathan Malona
Jeremy Hoyt

Faltam tantos nomes...

Einstein afirmou: «*Os fracos vingam-se. Os fortes perdoam. Os inteligentes ignoram.*».

Que se foda isso. Einstein nem sempre estava certo.

A vingança é um prato que se come frio... Com isso já concordo. Significa que eles esquecem que estás atrás deles e os seus gritos soam muito mais bonitos quando finalmente chega a hora.



CAPÍTULO 1

LANA

Eu amo a humanidade, mas odeio as pessoas.

— *Albert Einstein*

— Parece que te deixaram plantada — diz um homem, e ergo o olhar do telemóvel, bloqueando o ecrã de forma discreta para que ele não veja o que estou a examinar.

Arqueio uma sobrancelha enquanto o observo. É bonito, vinte e poucos anos, sorriso arrogante, postura dominante... Mas está definitivamente a bater à porta errada.

— Na verdade, gosto de comer sozinha — esclareço com um sorriso doce e indiferente.

Ele não percebe a indireta, pois os seus olhos estreitam-se com determinação. Os alfas preferem um desafio. Eu já devia saber.

— Sou o Craig. Tu és... — Ele deixa as palavras no ar enquanto me examina com o olhar, mas eu limito-me a dar um gole no meu café. — Se não me disseres o teu nome, vou chamar-te Beleza.

Que original.

A sua tentativa de elogio é claramente desajeitada e subdesenvolvida. Ele está obviamente habituado a conseguir o que quer sem muito esforço, o que significa que nunca se esforça depois de obter o que deseja. Tendo em conta o seu fato caro e o seu charme evidente, não me surpreende.

Muitas mulheres ignorariam a sua arrogância, confundindo-a com ousadia, e talvez até a considerassem charmosa.

Mas eu sou a rapariga errada.



— Que tal chamares-me Não Interessada? Porque essa é a descrição mais adequada para mim neste momento — digo-lhe, recostando-me na cadeira, relaxada e totalmente no controlo.

— Aparentemente, não olhaste bem — continua ele, inclinando-se para trás e adotando uma postura que não me deixa ver mais nada além de um idiota arrogante.

— Já vi mais do que o suficiente. Continuo sem estar interessada.

O seu olhar escurece e dá um passo para trás.

— Tudo bem. Que se foda. Não preciso de gelo na pila de qualquer maneira — diz antes de se virar e caminhar em direção a uma mesa onde está sentado outro homem.

O sol não está a brilhar hoje, está nublado. Apenas algumas pessoas optaram pelo pátio em vez do interior do café, porque parece que vai chover. Mesmo estando a várias mesas de distância, ainda consigo ver o amigo dele a rir e a abanar a cabeça enquanto o senhor Arrogante se senta, carrancudo e abatido.

Retomo a visualização do vídeo no meu telemóvel, até sentir olhos fixos em mim. O amigo do senhor Arrogante não desvia o olhar quando olho para cima e o vejo a observar-me. Ele não está a olhar de forma lasciva nem a agir como se estivesse interessado. Diria que ele está a tentar ler-me, tal como eu faço com as pessoas.

Também é bonito, mas o seu fato não é tão caro como o do outro. A minha observação leva-me a crer que são colegas de trabalho, mas por que razão está um vestido melhor do que o outro, se fazem o mesmo trabalho? Ele não parece submisso ou oprimido, como seria se trabalhasse para o senhor Arrogante. O que significa que são iguais, mas não recebem o mesmo salário? Ou será que o senhor Arrogante é rico e este não?

Indiferente, volto os meus olhos para o telemóvel, fingindo não notar o seu intenso escrutínio. Depois de terminar o meu café e a exibição do dia D, peço a conta à empregada.

— Já está pago — anuncia ela com um sorriso suave e olhos brilhantes. — E já deixou uma gorjeta também — acrescenta, piscando o olho. — Uma das boas.

As minhas sobrancelhas erguem-se e ela acena com a cabeça para trás quando o amigo do senhor Arrogante sai do pátio. Não vejo o senhor Arrogante em lado nenhum.

— Ele pediu-me para lhe agradecer pelo entretenimento — continua ela, enquanto balança e observa o homem a caminhar em direção a um SUV escuro.

— Obrigada — digo-lhe, levantando-me e dirigindo-me também para a saída.

Sem namoricos, sem olhares lascivos de desejo e sem esperar para ver se eu iria ter com ele depois de pagar a minha refeição. Não gosto quando as pessoas são simpáticas sem motivo. Dizer que eu era o seu entretenimento não é suficiente.

Os meus olhos seguem o homem silencioso, que permanece junto ao SUV a falar ao telefone, demasiado baixo para conseguir ouvir as suas palavras a esta distância. Também vejo o senhor Arrogante a conversar com uma rapariga bonita junto à loja, no passeio. Ela parece muito mais interessada do que eu.

Decidida a satisfazer a minha curiosidade, dirijo-me ao homem assim que ele termina a chamada. Os seus olhos fixam-se nos meus quando me aproximo e as suas sobrancelhas erguem-se quando tiro uma nota de vinte.

— Não deixo homens estranhos pagarem a minha comida. A minha mãe ensinou-me melhor do que isso — declaro, acenando com a nota de vinte para que a aceite.

Um sorriso lento atravessa-lhe os lábios carnudos, transformando por completo o seu rosto. O seu cabelo loiro-escuro está despenteado na medida certa para ser sensual, sem parecer que acabou de sair da cama. O seu queixo forte e bem definido contrasta com os olhos azuis suaves. Ele parece feroz e gentil ao mesmo tempo, o que me confunde ainda mais. Não o consigo realmente entender.

— Não conseguiria um espetáculo mais divertido por um preço tão baixo. Acredite, valeu a pena o pequeno valor — diz ele com um encolher de ombros, enfiando as mãos e o telemóvel no bolso, assumindo uma postura que indica que não aceita o meu dinheiro, sem usar as palavras propriamente ditas.

No entanto, sou persistente e aceno novamente com a nota de vinte.

— Ainda tenho as minhas regras. Obrigada, mas não obrigada.

O seu sorriso só aumenta.

— Fica sempre na defensiva? — pergunta. — Desconfia assim tanto das intenções dos outros? Ou será uma postura feminista radical que a deixa em alerta só porque um homem fez algo tão medíocre como pagar-lhe o café e o *muffin*?

Ele *está* a ler-me. Eu sabia.

De repente, o fato barato faz sentido, juntamente com o SUV escuro.

— É do FBI — observo, tendo em conta que Quantico¹ não fica muito longe.

O seu sorriso alarga-se.

— O que a faz pensar isso?

— Está a traçar o meu perfil, para começar, o que provavelmente o coloca nessa área, dado o carro e o fato. O seu amigo tem um fato caro, que usa para impressionar, mas o seu é menos chamativo. A sua postura ao lado dele e as suas brincadeiras bem-humoradas fazem-me acreditar que vocês são iguais, apesar da diferença financeira. Por isso, presumo que ele venha de uma família rica e que você conquistou o seu próprio sucesso. O SUV não é uma versão padrão. As janelas são demasiado escuras para serem legais, mas sei que o FBI tem alguma flexibilidade devido a riscos de segurança. Então, estou certa?

Odeio mesmo o modo como ele continua a sorrir, como se estivesse apenas intrigado e não assustado. Eu queria assustá-lo.

— Não é uma analista criminal, não trabalha no FBI nem está afiliada a nenhuma unidade militar — começa ele, confundindo-me. — A sua roupa é boémia chique, o que significa que está menos preocupada com a sua aparência exterior e mais preocupada com o conforto. Senta-se sozinha por opção e rejeita qualquer atenção que lhe seja dirigida. À primeira vista, é demasiado feminista para o seu próprio bem. À segunda vista, é alguém de quem é difícil aproximar-se, pois não partilha a sua confiança com facilidade. Isso impede-a de ser magoada pelas pessoas, mas também a impede de ter alguém

¹ A Academia do FBI é o centro de formação de aplicação da lei e de pesquisa do FBI, localizado perto da cidade de Quantico, no Condado de Stafford, Virginia. [*N. da R.*]

na sua vida. À noite, quando fecha os olhos e se permite ficar vulnerável, esse é o único momento em que ousa imaginar como seria estar com alguém.

Engulo o nó na garganta. Ele tem toda a razão. Eu não devia ser tão fácil de ler. Treinei para isso durante anos.

— Sem animais de estimação, dado o facto de não haver pelos de animais em si, a menos que tenha daqueles que não largam pelo. No entanto, não a vejo a permitir-se apegar-se a um animal, sabendo que provavelmente viverá mais tempo do que ele e terá de lidar com a dor de o perder. É distante por necessidade, provavelmente devido a um passado doloroso que a levou a isso. Talvez uma perda. Talvez mais do que uma perda. Talvez tenha sido empurrada para a solidão pela vida e permaneça nela por escolha própria.

Quando o meu coração bate forte no peito e dou um passo trémulo para trás, os seus olhos suavizam-se ainda mais.

— Peço desculpa. Fui longe demais — diz-me, assim que o senhor Arrogante regressa.

— Não perdi o jeito. Aquela mulher era apenas...

As suas palavras morrem quando ele me vê com o olhar preso ao do senhor Analista. Sinto-me exposta, vulnerável e fora da minha zona de conforto. Não estou habituada a isso. Trabalhei tanto para ser uma fortaleza impossível de ler.

Ele acabou de desfazer a minha confiança com um único puxão na linha certa.

— A viagem é longa. Traz algumas garrafas de água — pede ele ao senhor Arrogante, sem desviar o olhar de mim.

Não sei se ele vai embora ou não, porque estou demasiado ocupada a fixar diretamente aqueles olhos azuis gentis, que realmente parecem arrependidos.

— A vida é uma merda — declara ele, aleatoriamente. — Depois morremos. Mais vale aproveitar enquanto podemos.

É o suficiente para quebrar a tensão, e um sorriso inesperado escapa-me. Ele pisca o olho enquanto se inclina.

— Se alguma vez precisar de ajuda para se sentir viva, ligue-me. Eu também preciso de um pouco de vida.

Quando ele se afasta, sinto algo na minha mão, embora não o tenha sentido a pôr lá alguma coisa. Contorna o SUV e dirige-se para o outro lado, enquanto o observo atentamente até ele entrar.

Só quando o senhor Arrogante volta para ocupar o lugar do passageiro é que os meus olhos finalmente recaem sobre o cartão na minha mão.

Logan Bennett...

O seu número está por baixo do nome e, sem dúvida, é do FBI. Quando volto a olhar, ele está debruçado sobre o volante a observar-me. A janela do senhor Arrogante está aberta e ele parece irritado.

— Liga-me — diz o Logan, sorrindo, antes de arrancar.

A realidade é meramente uma ilusão, ainda que seja uma ilusão muito persistente, como disse Albert Einstein. O meu pai costumava citar Einstein para explicar a vida, quando tínhamos dificuldade em compreendê-la. Lembro-me de ele me ter dito isso quando as nossas vidas desmoronaram. Ele estava a sofrer muito e a fazer o possível para me acalmar.

No entanto, Einstein não me está a ajudar a compreender como fui tão fácil de ler. Ou como me sinto vulnerável e exposta neste momento.

O meu telemóvel vibra na mão e olho para baixo, vendo o alerta que configurei.

Tenho de ser fria. *Preciso* de ser fria. Qualquer coisa menos do que isso poderia comprometer a armadura de que preciso para pôr em prática o plano em que trabalhei tão arduamente durante tanto tempo.

Depois de sacudir a fraqueza persistente, respiro fundo e dirijo-me ao meu carro. Conduzo durante vinte e quatro quilómetros, encontro a casa que procuro e passo por ela. Só depois de estacionar num celeiro abandonado é que calço as luvas, o fato e as botas pesadas de homem. Ponho também as mochilas pesadas com pedras. Uma nas costas e outra à frente.

Furtivamente, aproximo-me da casa, abro a porta e, silenciosamente, retiro as mochilas, colocando-as com cuidado numa cadeira.

A minha mala tem tudo o que preciso, por isso, levo-a comigo. Em seguida, tiro as botas pesadas e coloco-as silenciosamente em cima da mochila.

Um movimento no andar de cima chama-me a atenção e dirijo-me lentamente para a escada, tomando cuidado para manter passos leves e silenciosos. Há um mês que examino o chão, descobrindo todos os pontos que rangem ou chiam.

Conheço a rotina dele melhor do que a minha. Sei que, daqui a cinco segundos, a água vai começar a correr.

Como era de esperar, os canos velhos da casa fazem barulho quando a água passa por eles e é nesse momento que subo as escadas, ignorando o rangido, pois ele não consegue ouvir nada com o barulho do chuveiro.

Quando chego ao quarto, os meus olhos dirigem-se para a cama. Sei que ele é solteiro, mas preocupa-me sempre a possibilidade de encontrar uma mulher inesperada. Verifiquei as câmaras pelo meu telemóvel e não vi nenhuma mulher, mas este pensamento continua a atormentar-me.

Respiro de alívio por não ver sinais de uma convidada que tenha passado a noite. Apenas o Ben e a sua casa desarrumada de sempre.

O chuveiro é desligado e eu já estou em posição, pronta e à espera. A vida seria mais simples se eu pudesse usar um *Taser* ou sedativos. Realmente seria.

Assim que ele passa com uma toalha enrolada à cintura, a minha faca desce, cortando com força o calcanhar de Aquiles. Os gritos perfuram-me os ouvidos e percebo que o momento de fraqueza com o senhor Analista não afeta o quão bonitos os gritos soam.

Trabalhei demasiado tempo, de forma dura e sem descanso para isto. Devia saber que um homem não me poderia tirar a vantagem.

O Ben cai no chão, gritando de dor, enquanto agarra o pé. A toalha cai, expondo cada centímetro do seu corpo nu aos meus olhos.

Isso faz o meu estômago revirar.

Mas o terror nos seus olhos? Isso deixa-me excitada.

— Mas que merda? Leve o que quiser! — grita, soluçando quando me aproximo, observando-me com aqueles olhos arregalados e aterrorizados.

Adoro o terror. Quero que ele chore por muito mais tempo.

— O que quero é que saibas o meu nome — digo calmamente, de forma assustadora.

Os seus olhos ficam ainda mais arregalados e ele empalidece quando levanto a faca ensanguentada e passo o dedo ao longo da parte de trás.

— Por favor, não — implora, tentando levantar-se sem sucesso.

Ele vai bater-me se tiver oportunidade. Não sou tão estúpida ao ponto de me aproximar mais.

Tiro o fio do bolso de trás e observo-o, enquanto ele me observa.

— Não me reconheces, Ben? — pergunto em tom irónico, inclinando a cabeça. Antes das dez cirurgias que fiz, ele teria conseguido reconhecer-me imediatamente.

— Não, não — grita. — Não te conheço. Estás a confundir-me com outra pessoa!

Agacho-me, reparando na forma como o seu olhar se desvia. Está a preparar-se para me atacar, agora que estou nesta posição. Acha que é um erro vulnerável da minha parte.

Se ele soubesse...

— Da última vez que me viste, eu era uma menina de dezasseis anos — declaro, com um sorriso sombrio. — Agora estou crescida. *Queres brincar?*

São as últimas duas palavras que desencadeiam o reconhecimento. Vejo-o na forma como as suas pupilas se dilatam, as narinas se inflamam e uma expressão de compreensão toma conta do seu rosto.

— Tu — sussurra. — Não, não és nada parecida com ela. Ela morreu — acrescenta no mesmo tom abafado.

— Eu sobrevivi — respondo, observando o medo dele a desaparecer lentamente, tal como eu sabia que iria acontecer.

Neste momento, ele está a recordar-se daquela menina fraca, horrorizada, apavorada e a soluçar. Lembra-se de como foi fácil dominar-me. A sua mente está a pregar-lhe partidas, fazendo-o acreditar que continua no comando, apesar da situação precariamente mortal.

— Fizeste três rondas — prossigo, mantendo a calma e a pose, mas aparentando uma fraqueza que não tenho, permitindo que a sua mente continue a recordar aquela noite há dez anos. — Isso significa cerca de um quilo de carne nos próximos três dias.

Vejo tudo acontecer antes de ele se lançar sobre mim, gritando de dor enquanto tenta derrubar-me. A minha faca crava-se no seu ombro e ouço outro grito de arrepiar os cabelos enquanto giro de joelhos, deslizando para trás dele e batendo-lhe com a cara no chão.

O RISCO

A minha mão ainda segura a faca, e arranco-a em menos de um piscar de olhos, quase simultaneamente lançando o fio em volta do seu pescoço, enrolando-o com força. Depois sufoco-o, deleitando-me com os sons de dor, até ele ficar mole e inconsciente, na linha ténue entre a vida e a morte. Com a perda de sangue, ele está demasiado fraco para resistir. Seria tão fácil matá-lo agora.

No entanto, a morte não virá tão cedo.

Não acredito em misericórdia.

Um quilo de carne será extraído enquanto ele estiver acordado.

Vai implorar e suplicar.

Vai rezar para desmaiar.

Mas vai sentir tudo.

Tal como nós sentimos.



CAPÍTULO 2

LOGAN

*Os seres humanos foram dotados de inteligência suficiente
para ver com clareza o quanto inadequada é essa inteligência
quando confrontada com o que existe.*

— *Albert Einstein*

Termino o meu *croissant* enquanto observo as fotografias sangrentas da cena do crime.

O sangue foi espalhado pelas paredes como se tivesse sido aplicado com um pincel, tal como nos outros quatro casos que conseguimos ligar entre si. É uma das poucas coisas que permanecem consistentes. O suspeito pinta sempre uma parede de vermelho com o sangue da vítima.

— Como é que consegues comer enquanto vês isso? — questiona a Elise, franzindo o nariz e sentando-se na ponta da minha secretária.

Ignorando a sua pergunta, interrogo:

— O que descobriram sobre o Ben Harris?

— O médico-legista estimou que ele foi torturado durante, pelo menos, três dias. Tem partes do corpo que foram cortadas, tal como os outros. Incluindo o pénis — suspira.

Isso faz-me estremecer, tal como faria a qualquer homem. Uma destas imagens é supostamente um pénis mutilado?

— Os dedos dele foram todos cortados — continua ela, apontando para uma fotografia que mostra dez dedos decepados no chão. — O seu peito foi lentamente arrancado pedaço a pedaço. O suspeito estancava o sangramento de cada vez, recorrendo a um método bárbaro de cauterização. Ele queria que a vítima permanecesse viva, especificamente,

durante esses três dias. O pénis parece ter sido a última coisa a desaparecer. Foram novamente encontradas marcas de amarras e correntes penduradas nas vigas da cave. Pensamos que o suspeito permaneceu fiel ao seu *modus operandi*, mantendo a vítima amarrada na sua própria casa. Até agora, todos os homens estavam em casas isoladas, muito distantes para que os vizinhos conseguissem ouvir ou ver alguma coisa.

E também não está a perder o autodomínio. Os seus ataques são controlados, bem planeados e meticulosos ao pormenor, mesmo que não entendamos os detalhes.

— O suspeito deve ser uma mulher, tendo em conta a mutilação genital em todas as mortes — sugere o Craig, estremeando ao entrar na nossa conversa. — Só uma mulher conseguiria cortar a pila a um homem.

— As mulheres assassinas em série, estatisticamente, não torturam. Na verdade, são muito mais eficientes e difíceis de localizar por causa disso — afirma a Elise, com indiferença.

— Bem, ele deve ser impotente. A maioria dos assassinos em série é — declara o Alan, juntando-se a nós.

Há uma razão para ele e o Craig não serem analistas criminais.

— Acho que ele é mais um sádico sexual — explica a Elise. — A impotência pode ter um papel importante, mas chamar-lhes impotentes não é um perfil.

— Então, um sádico sexual impotente? — pergunta o Craig, confuso.

— Muitos sádicos sexuais são impotentes e procuram a sua libertação sexual através da tortura. Não foram encontrados sinais de violação, mas é provável que o suspeito ainda não tenha confiança suficiente para violar homens.

— Então, um sádico sexual *gay*? — continua o Craig, ainda confuso.

— Sim — responde a Elise, acenando com a cabeça.

— Todas as vítimas masculinas eram heterossexuais, segundo as testemunhas. Se fossem homossexuais, essa teoria faria mais sentido — acrescento. — Os cinco homens eram todos da mesma cidade, mas ninguém consegue pensar num homem que pudesse querer matar os cinco. No entanto, sei que nos está a escapar qualquer coisa.

— As pegadas são de um sapato de homem, tamanho quarenta e quatro, deixadas no chão, a caminho da casa. A pegada é sólida dos

dedos ao calcanhar. O nosso perito no terreno afirma que o suspeito pesa entre noventa e cinco e noventa e sete quilos — anuncia a Elise.

— Teria de estar em boa forma física para conseguir dominar estes homens como fez. Provavelmente é muito forte. O suspeito está a dominá-los com pura força bruta. Originalmente, ele só matava alfas, o que levou a que o perfil fosse de um *serial* alfa. No entanto, o Ben, embora fisicamente apto e forte, era muito submisso no seu trabalho. Foi por isso que teve tanto sucesso, pois gostava de estar em segundo plano em vez de estar no comando.

— O sadismo sexual é muito mais provável desde a última morte. A frustração sexual pode ser um gatilho, o que deve reduzir a nossa pesquisa. Também devemos ajustar o perfil. O que mais sabemos sobre as vítimas?

— Estes indivíduos eram os melhores das suas turmas na faculdade, mas tinham idades diferentes, entre os vinte e três e os vinte e oito anos. A única coisa que os liga é a cidade e as suas casas isoladas. Não mantiveram contacto, apesar de terem sido todos amigos quando ainda viviam na cidade. Será possível que o suspeito odeie a cidade inteira? E porquê? Será por vingança?

— Possivelmente — digo, mais para mim do que para a Elise.

Um homicídio em Boston. Um homicídio em Denver. Um homicídio em Long Island. Um homicídio no Maine. E agora um homicídio no nosso próprio quintal, na Virginia. Este tipo está por todo o lado, a perturbar o padrão normal dos locais de caça.

Pareceria aleatório, se não tivéssemos estabelecido a ligação com a mesma cidade natal. No entanto, não frequentaram a mesma escola. Três deles frequentaram uma escola privada a duas cidades de distância. Portanto, obviamente, não se trata de um rancor antigo dos tempos de escola, especialmente tendo em conta a diferença de idades entre as vítimas, que as colocaria em anos diferentes.

— Não foram relatados homicídios na cidade — resmungo. — Se fossem apenas dois, diria que é coincidência. Mas são cinco daquela cidade e nenhuma morte ocorreu dentro dos limites da cidade. O que sabemos sobre ela?

— Pequena. Muito pequena. Quinhentos habitantes. Nos últimos três anos, nada de realmente interessante foi notícia, além de um lobo que atacou um homem no seu pasto de vacas. É uma cidade muito religiosa.

— As cidades pequenas e religiosas são conhecidas por serem difíceis para os homens homossexuais. Especialmente as pequenas cidades agrícolas. Vocês os dois vão até lá e vejam o que conseguem descobrir. Perguntem por um homem fisicamente em forma, com mais de um metro e oitenta de altura, com idade compreendida entre os vinte e os trinta e cinco anos, que possa ter sido homossexual ou ter demonstrado interesse por homens. Dado o aspeto religioso, é pouco provável que ele se tenha assumido. Perguntem se alguém parecia ter dificuldades ou demonstrava tiques nervosos com frequência após contacto com um homem atraente. Todos os homens que morreram até agora eram fisicamente aptos, solteiros, atraentes e muito promíscuos com as mulheres. É possível que o suspeito tivesse sentimentos por eles em algum momento e tenha retaliado por estes não retribuírem os mesmos afetos.

Franzo os lábios, perguntando-me o que estamos a deixar escapar. O perfil parece sólido e as provas corroboram-no, mas algo não bate certo. Devíamos ter feito a ligação mais cedo, porém, com os homicídios espalhados por várias fronteiras estaduais, só ficámos a saber disto há duas semanas. Duas semanas depois da quarta vítima.

— Há mais alguma coisa que eu deva anotar no perfil antes de o entregar à polícia da cidade?

— Sim — respondo, sentando-me enquanto estudo as fotografias. — O suspeito conseguiu entrar em cada casa sem deixar sinais de arrombamento. Ou as vítimas conheciam o suspeito e confiavam nele o suficiente para o deixar entrar, ou não trancavam as portas. Digam-lhes que o suspeito teria de ser sociável para estabelecer essa relação. Além disso, sabemos que troféu está a ser levado? O suspeito tem uma ligação pessoal com estes homens e está a realizar uma fantasia sádica com cada assassinio, embora a violação ainda não pareça fazer parte dessa fantasia. Obviamente, ele está a sentir prazer apenas com a tortura por agora, mas, dado o longo intervalo entre os assassinios, precisaria de algo que o mantivesse motivado. Ele estaria, sem dúvida, a levar um troféu.

Um mês entre cada morte. O intervalo de tempo não mudou e não parece que o suspeito vá perder o controlo tão cedo, se é que isso alguma vez acontecerá. Esperava uma evolução mais rápida que o levasse a cometer erros por esta altura.

— Examinámos os corpos. Toda a carne foi deixada para trás e o cabelo está intacto. Além disso, nenhum dos homens tinha joias ou outros itens pessoais em falta, mas não podemos ter a certeza, visto que todos viviam sozinhos e não têm ninguém que dê conta dos seus pertences.

Estamos a deixar escapar alguma coisa, porra! E isso está a deixar-me louco.

— Vai para casa e descansa um pouco. Estiveste aqui a noite toda — diz a Elise, colocando a mão no meu ombro. — A mente funciona melhor depois de descansar.

— Investiga mais a fundo o passado da cidade. Aconteceu algo que desconhecemos e...

— Descansa — interrompe ela. — Eu sei fazer o meu trabalho. Não serves para nada se não dormires.

Praguejando, levanto-me, fecho o arquivo e arrumo-o, enquanto a Elise sai com o Leonard para irem para norte, para Delaney Grove. É um nome estranho para uma cidade e sei que terei de lá ir pessoalmente.

Assim que chego à porta, o Craig alcança-me.

— A rapariga gelada ligou-te? — pergunta, parecendo entediado.

Porém, sei que ainda o irrita o facto de ela o ter rejeitado e ter ido atrás de mim. Mesmo que ele tenha visto os factos fora de contexto e se tenha recusado a aceitar o verdadeiro desenrolar dos acontecimentos.

Mais uma vez, é por isso que ele é péssimo a traçar perfis, mas é bom em relações públicas, que é afinal o seu lugar na nossa equipa.

Abro a boca para dizer que não, sabendo que isso o fará sentir-se validado e satisfeito, mas o meu telefone toca. Franzo a testa ao ver o número desconhecido e atendo.

— Bennett — respondo.

— Usa o seu apelido quando atende o telefone, como se a pessoa do outro lado da linha não soubesse para quem ligou. É uma saudação muito impessoal, o que me faz questionar se também tem problemas de distanciamento, agente Bennett — diz uma voz feminina familiar.

Um sorriso surge imediatamente no meu rosto e pisco o olho ao Craig, que me observa, esperando que eu lhe mate a curiosidade.

— Então, esperaste os três dias padrão para me ligar de volta?

— Tecnicamente, esperei quatro dias não convencionais.

Certo. Não durmo desde que encontrámos a última vítima ontem de manhã. Estou a funcionar à base de cafeína e açúcar.

— Desculpa. Estive acordado toda a noite. Só começa um novo dia quando adormecer, por isso, ainda estou no terceiro dia. Vou ter de esperar quatro dias entre cada uma das tuas chamadas? Ou posso usar este número quando quiser? — pergunto-lhe, observando o Craig a resmungar e a bufar, fazendo beicinho enquanto se afasta do meu caminho.

— Porque estiveste acordado toda a noite? — pergunta ela, desviando a minha questão.

É a reação típica de alguém com problemas de distanciamento.

— O meu trabalho. Perco muito sono e passo muito tempo na estrada. Acho que preciso de te dizer isto agora, antes de te convidar para um encontro que posso ter de cancelar por causa do meu trabalho.

Decido dizer tudo de uma vez, sabendo que ela já é cautelosa e tem dificuldades em confiar. No segundo em que a li, ela passou de fria a assombrada num piscar de olhos, e aqueles olhos verdes assustados ficaram gravados na minha memória.

Com as defesas baixas, ela estava perdida, quase com medo de ser magoada só por falar comigo. Podes chamar-lhe complexo de herói, mas senti-me atraído por ela naquele momento.

— É bom saber. Também sinto falta de muitas coisas e tenho horários estranhos.

O meu sorriso aumenta, pois ela está a abrir-se.

— O que fazes? — pergunto-lhe.

Ela ri-se levemente e a gargalhada é muito boa de se ouvir. Não combina com ela. É uma gargalhada fácil e livre, como se não fosse a mesma rapariga com quem falei há alguns dias.

— Tenho uma loja *online* de compra, venda e troca. Recebo uma comissão por cada venda ou troca efetuada, e tenho de verificar algumas delas, caso o negócio pareça bom demais para ser verdade. Por exemplo, posso ter de fazer uma viagem espontânea a meio da noite, se

alguém na Flórida tentar trocar um iate de um milhão de dólares por um carro de dez mil dólares. Não posso aprovar uma troca destas sem inspecionar fisicamente a mercadoria e verificar a documentação adequada. No caso de vendas, posso simplesmente reter o dinheiro pago até que a propriedade seja transferida. As trocas têm de ser feitas pelos clientes. Sou apenas uma pessoa que faz negócios e que, ocasionalmente, faz inspeções.

Ouvi-la falar com tanta facilidade é um pouco confuso, tendo em conta a forma como a retrarei... Descrevi-a como distante e defensiva, de natureza nada fácil. Talvez esteja a interpretar mal porque estou cansado e ouço facilidade quando, na verdade, é tensão.

— Parece divertido — digo, sem convicção. Mais uma vez, culpo a privação de sono.

— Nem sempre. Uma vez tive de ir inspecionar uma daquelas bonecas «reais». Sabes? São bonecas sexuais feitas de forma realista, ao contrário das bonecas insufláveis. Custam cerca de cinco mil dólares e o homem queria trocá-la por um pequeno pónei... Nem me faças falar da preocupação que isso me causou.

Uma gargalhada escapa-me antes que eu consiga contê-la, e sinto o seu sorriso.

— Essa foi a coisa mais estranha que já inspecionaste?

— Embora examinar a vagina de uma mulher sintética com sucção em *todos* os orifícios não tenha sido o ponto alto da minha carreira, surpreendentemente não foi a coisa mais estranha.

Mais uma vez, rio-me, perguntando-me por que razão ela passou de defensiva a encantadora no espaço de quatro dias.

— Então, qual foi a coisa mais estranha? — pergunto-lhe.

— Olho por olho. Qual foi o caso mais estranho em que já trabalhaste?

Penso nisso enquanto entro no carro. A maioria dos casos com que me deparo são graves, violentos e sádicos.

Mas, quando comecei...

— Fui recrutado quando estava na universidade, após realizar um teste que não sabia que era para o FBI. Decidiram que eu precisava de trabalhar para eles e não vi razão para discutir. De qualquer forma, o meu primeiro caso foi pequeno e ocorreu em Indiana. Tratava-se

de um perverso que colecionava cuecas. À primeira vista, o indivíduo em questão era um desviante sexual que acabaria por cometer crimes mais graves do que o roubo de roupa interior. Foi por isso que nos chamaram: todas aquelas mulheres estavam aterrorizadas com um perseguidor que invadia as suas casas e roubava a roupa interior. Mas quanto mais eu investigava, mais percebia que era, na verdade, um miúdo imaturo. Ainda assim, pensava que ele tinha fantasias sexuais. Só mais tarde descobrimos que ele não as roubava para si. Roubava-as para a mãe, porque ela se queixava constantemente de a sua «roupa interior barata subir até à racha do rabo». Nem imaginas como a mãe ficou horrorizada quando finalmente encontrámos o rapaz. Ele ainda não lhe tinha dado a roupa interior. Estava a guardá-la toda numa caixa para lhe dar no Natal.

Ela arqueja, depois ri-se e relaxa no meu lugar enquanto conduzo para fora de Quantico, em direção a casa.

— Parece estranho. Mas, pelo menos, o miúdo não era um perverso sexual. — Há uma nota de tensão no seu tom de voz, mas ela pigarreja e eu bocejo. — Pareces mesmo cansado. Vou deixar-te ir.

— Estou a conduzir para casa. Tenho trinta minutos de tempo livre. Faz-me companhia.

— Hum, parece que ainda queres que eu seja o teu entretenimento.

O meu sorriso alarga-se.

— Gostaria de pedir mais do que uma conversa divertida ao telefone, mas tenho de voltar assim que dormir um pouco. Tivemos uma novidade num dos nossos casos, o que significa que a carga de trabalho aumentou.

— Hum, o que pedirias se pudesses? — pergunta, parecendo agora estar a namorar, o que contraria a postura defensiva que mantinha há poucos dias.

— Eu pediria um jantar. Talvez até um filme, se o jantar corresse bem e tu não tivesses nenhuma falha que fosse impeditiva.

Ela ri-se baixinho.

— Que falhas seriam essas? Mentes curiosas e tudo o mais.

— As de sempre: comer macacos do nariz, beber urina... fetiche por *strap-on*, em que serias tu a foder-me. Não gosto de nada disso.

Desta vez, ela começa a rir mais alto e eu ouço, absorvendo tudo. Não sei por que razão sinto que consegui algo ao fazê-la rir. Por outro lado, parece-me que ela não deve fazer isso muitas vezes.

— Bem, nunca adotei o hábito de comer macacos do nariz. Beber urina não me atrai. Se tiver vontade de beber algo semelhante, bebo uma cerveja. Quanto ao meu *strap-on*, vou escondê-lo até estares um pouco mais à vontade com a tua sexualidade para experimentares.

— A fazer piadas sobre a minha sexualidade. Que simpático — digo secamente, ouvindo-a rir um pouco mais enquanto continuo a sorrir. — Então, como é que fazes o perfil das pessoas? — pergunto, quando o riso dela diminui.

— Como é que faço? Ou por que razão o faço? — contrapõe.

— Ambos.

— Bem, faço-o principalmente com base na linguagem corporal e nas microexpressões. Presto atenção à formulação quando está por escrito. Ouço o tom e a formulação ao telefone. Faço-o porque administro este *site* e é necessário saber distinguir os charlatões dos utilizadores legítimos.

— Administras o *site* sozinha? — pergunto, tentando obter mais informações pessoais.

— Tenho um sócio. Ele trata de todo o trabalho técnico e desenvolveu um programa para sinalizar potenciais contas falsas. Isso elimina muito trabalho manual, embora ainda analisemos as contas pessoalmente.

— E esse sócio é apenas um amigo? — pergunto, tentando saber mais.

Ela hesita, mas depois parece divertida.

— Se estás a perguntar se sou solteira, a resposta é sim. Já há algum tempo. Se estivesse com outra pessoa, não teria ligado para ti e namoriscado.

— Bem, é uma pena não poder sair contigo esta noite, antes que te canse de esperar que tenha um tempinho livre. Vou trabalhar horas extra à procura de novas pistas. No entanto, se quiseres, podemos tomar um café no mesmo sítio onde nos conhecemos, quando voltar ao escritório daqui a algumas horas. Digamos, por volta das cinco?

— Prefiro café de manhã, mas podes oferecer-me um *muffin*. Eles têm *muffins* excelentes.

— Café de manhã — repito, com um sorriso crescente. — Anotado.

— Está a atirar-se a mim, agente Bennett?

— Talvez um pouco. Vais dizer-me o teu nome?

— Ah, é verdade. Não sabes o meu nome. É perigoso falar com estranhos.

— Estou ciente. Faço perfis de assassinos em série para ganhar a vida.

Ela é pequena, tem olhos assombrados e brinca, dizendo que devo ter cuidado com ela. Tenho a certeza de que o facto de saber que tenho um distintivo a deixa à vontade; ela assume que todos os agentes da autoridade são boas pessoas, com intenções puras. Isso mostra-me que ela nunca teve problemas com a lei nem qualquer tipo de conflito com ela.

— Assassinos em série? — pergunta, com a voz um pouco trémula, lembrando-me do que eu disse.

— Assassinos em série. Passei de criminosos que roubam cuecas para assassinos em série. Espero que isso não seja um problema. Já tive problemas no passado para manter um relacionamento por causa disso.

Ela limpa a garganta.

— Hum, sem problema. Mas não devias manter segredo destas coisas?

— Não é confidencial. Já apareci no noticiário uma ou duas vezes a falar sobre isso. Além disso, prefiro que não sejamos estranhos. Então, como te chamas?

Ela faz uma pausa mais longa do que eu gostaria. Interpretei-a mal e bem, mas não tenho a certeza em que medida em cada um dos casos. Por isso, nem me dou ao trabalho de adivinhar o motivo do seu silêncio.

— Lana. Lana Myers. Estás à vontade para me investigar, senhor Analista.

O tom leve está de volta e eu desço a última estrada que me leva a casa.

— Prefiro que me surpreendas, Lana Myers. Só vou fazer uma verificação não invasiva dos teus antecedentes para ter a certeza de que não és uma criminosa ou fugitiva. Isso poderia ser um problema, dado o meu trabalho — digo, rindo levemente.

Ela também ri, depois suspira.

— Café mais tarde? — pergunto-lhe.

— *Muffin*, lembras-te?

— Certo. Desculpa. Estou com sono.
— Vejo-o mais tarde, agente Bennett.
— Com certeza — respondo-lhe, bocejando enquanto entro em casa.
Ela desliga e digito imediatamente o nome dela numa mensagem para a Hadley.

HADLEY: O que estou à procura?

EU: Apenas antecedentes criminais.

HADLEY: Feito. Ela está limpa.

EU: Foi rápido.

HADLEY: Foi o que ela disse.

Rindo, guardo o telemóvel e entro. A minha mente está cansada, mas continuo a rever os factos do caso, à procura de algo que possamos estar a deixar passar.

O suspeito tortura as suas vítimas durante vários dias, mas não durante o mesmo número de dias. Três dias desta última vez. Dois dias para as duas primeiras vítimas. Quatro dias para a terceira e quarta vítimas. A falta de consistência não faz sentido, assim como a pele removida. É sempre diferente, exceto pela remoção do pénis. Por vezes, todos os dedos são cortados. Outras vezes, não.

A minha casa está vazia, silenciosa e um pouco assustadora, tendo em conta o caso em que estou a trabalhar. Todas as vítimas são um reflexo de mim mesmo. Solteiros. Sozinhos. Em boa forma física. Vivem numa área isolada. Viciados no trabalho.

O meu vizinho mais próximo fica a um quilómetro e meio de distância.

O desaparecimento das vítimas passa despercebido durante vários dias. Todas ligam para o trabalho. Trata-se de uma gravação de voz masculina, pelo que se pode deduzir, considerando que as palavras são exatamente as mesmas. Obviamente, nenhuma das empresas grava essas chamadas, por isso, temos de confiar na pessoa que as recebeu.

O RISCO

O último corpo só foi encontrado porque um dos seus colegas de trabalho foi verificar porque ele não apareceu para trabalhar no quarto dia e nunca ligou para avisar.

É deprimente saber que ninguém fora do trabalho se dá conta da nossa falta. O mesmo se aplicaria a mim.

Os meus olhos examinam a minha casa por hábito, à procura de qualquer coisa fora do lugar. Quando tenho a certeza de que nada foi mexido, pego na minha arma, ligo o alarme e deito-me na cama.

Fecho os olhos e espero ver as habituais imagens de cadáveres.

Em vez disso, fico perdido num par de olhos verdes assombrados que verei mais tarde.



CAPÍTULO 3

LANA

Quando se senta ao lado de uma mulher bonita por uma hora, parece que se passou um minuto. Mas se se sentar em cima de um fogão quente por um minuto, parece que passou mais de uma hora. Isso é relatividade.

— *Albert Einstein*

Já passa das cinco horas quando começo a olhar para o meu relógio, perguntando-me se desta vez vou mesmo ficar plantada. Não sei bem o que me levou a ligar-lhe, a provocá-lo e, depois, a aceitar um encontro. Talvez seja apenas porque preciso de me sentir menos como um monstro frio e mais como uma mulher.

Eu sobrevivi. Outros morreram.

Eu sobrevivi, mas sinto-me morta.

Talvez queira sentir-me viva, considerando que o meu tempo pode ser limitado. Devo valorizar cada momento... quando não estou a cobrar uma dívida pendente. Não é propriamente romântico pensar num homem enquanto se está a cortar outro em pedaços, mas o Logan esteve definitivamente presente nos meus pensamentos durante os três dias que passei a cobrar a dívida do Ben.

Não nos recantos sombrios da minha mente reservados à vingança. Não, o Logan estava nas partes boas que eu pensava já não existirem. Ele acendeu uma luz há muito perdida, como se nem tudo de bom em mim tivesse sido destruído.

Quando estou prestes a enviar-lhe uma mensagem para saber se ele está bem, um corpo desliza de repente para o lugar à minha frente e os meus olhos levantam-se e encontram um par de olhos azuis suaves.

Podia passar o dia todo a olhar para aqueles olhos. O resto dele também está à altura desses olhos perfeitos.

Ele é o pecado e o prazer embrulhados num presente que me dá vontade de espreitar.

— Desculpa — resmunga, chamando uma empregada. — Fiquei preso num engarrafamento. Na verdade, tive de abusar do meu poder e ligar as luzes para conseguir passar.

O meu sorriso surpreende-me sempre que ele o provoca.

— Tudo bem. Estava apenas preocupada — minto, bem, mais ou menos. Estava preocupada com ele e com o facto de ter ficado pendurada.

O seu sorriso é genuíno e instantâneo quando percebe que não estou zangada e a empregada de mesa aparece, pondo fim ao momento em que dois idiotas sorriem um para o outro.

Sinceramente, não me lembro de nenhuma ocasião em que tenha sentido borboletas no estômago. Eu era apenas uma adolescente quando a minha vida foi destruída e a ilusão de normalidade ficou para sempre fora do meu alcance.

Esta é a sensação mais humana que tenho tido há muito tempo.

E é apenas um café rápido a caminho do trabalho.

Fazemos o pedido e a empregada de mesa afasta-se, não sem antes me dar uma rápida olhadela e piscar o olho, como se aprovasse. Não que eu precise da sua aprovação.

— Então, o que te fez concordar em encontrar-te comigo? — pergunta ele, aparentemente dispensando a conversa fiada. Acho que é sensato, visto o nosso tempo ser limitado. Sem mencionar que ele interroga pessoas para ganhar a vida, portanto, é natural começar um encontro com ele desta forma.

Decido não lhe dizer que ele me faz sentir como uma mulher, em vez do monstro em que tive de me tornar, pois provavelmente prendia-me e deitava fora a chave.

— O que te levou a convidar-me para sair? — pergunto-lhe em vez disso.

O seu sorriso alarga-se.

— Estás a desviar o assunto, mas vou alinhar. Tens estado na minha cabeça. É a tua vez — diz ele, apoiando-se na mesa com os cotovelos.

— Também tens estado na minha cabeça.

— Ah, mas isso é batota. Não podes simplesmente repetir as minhas palavras para evitar revelar demasiado. Essa é uma ferramenta normalmente usada por pessoas com personalidade distante.

— Para de me analisar — peço com um sorriso provocador, mas secretamente espero mesmo que ele pare.

E se ele perceber demasiado? Em que raio estou a pensar? Este é o encontro mais idiota que eu podia ter.

Finalmente conheço um homem que quero ver, talvez até namorar, e tem de ser o único que consegue ver através de mim?

Ele está a estudar-me com demasiada intensidade, mas mantenho o meu sorriso, na esperança de que não pareça forçado.

— Ossos do ofício. Não consigo desligar. Gostava de poder, mas não consigo.

Ótimo.

Ele continua à espera da minha reação e eu tento pensar em como reagir adequadamente. Como reagem as mulheres normais? Ficam entusiasmadas e encantadas com o seu distintivo e habilidades? Ofendem-se com a sua admissão de que cria constantemente perfis, sentindo que não lhes permite ter privacidade? Não faço ideia.

— Em que medida é que isso afetou a tua vida amorosa? — questiono, decidindo não reagir de forma alguma e mantendo a expressão impassível.

Ele geme, abana a cabeça e recosta-se.

— Mais do que gostaria de admitir. As mulheres preferem dizer-me como se sentem em vez de eu lhes apontar isso. Tentei parar, mas não consigo. Considera isso uma excentricidade da minha personalidade. Tinha esperança contigo, pareces fazer o mesmo.

Os seus olhos encontram os meus e ele parece realmente esperançoso. Ele tem razão. Eu também faço a mesma coisa. Mas por razões completamente diferentes.

Ele procura fazer justiça da melhor forma possível.

Eu sirvo a vingança como deve ser.

— Como é a tua vida amorosa? — pergunta ele, sondando mais uma vez.

Como uma teia de aranha cheia de insetos mortos... Enfim, não é a resposta mais apropriada. Quando a empregada chega e deixa o nosso pequeno pedido, tento pensar na melhor resposta e espero até ela sair para responder.

— Um pouco seca neste momento.

— Ui — diz ele, mas sorri.

— Bem, não neste exato momento — esclareço, sentindo aquele sorriso estúpido e incontrolável a espalhar-se novamente pelo meu rosto.

— Então, fala-me sobre ti.

Aponta para mim com uma mão, enquanto usa a outra para levar o café aos lábios.

— Vinte e seis. Nova na zona. Sempre a mudar-me. E tenho uma estranha fixação por meias. E tu?

Ele franze o sobrolho, como se algo não lhe agradasse.

— Mudas muito? — questiona, sem responder à minha pergunta.

Acho que fazemos isso um ao outro. Evitamos responder para fazer as nossas próprias perguntas.

— Sim, já morei em quase trinta estados. A minha infância foi aborrecida. Morávamos numa cidade pequena, onde todos sabiam tudo sobre todos. Depois da morte dos meus pais, ficou ainda pior. De qualquer forma, mudei-me várias vezes, à procura de um lugar onde me sentisse em casa.

— Tiveste sorte aqui? — pergunta, limpando a garganta.

— Talvez — respondo, encolhendo os ombros.

Mal o conheço, por isso, seria exagerado dizer-lhe que ele é a primeira pessoa que me despertou tanto interesse.

— E os teus pais...

Ele deixa a frase no ar, parecendo relutante em perguntar o que quer saber.

— Acidente de viação. — Forço um sorriso tenso.

— Sinto muito — diz ele, soltando um suspiro.

— Foi há muitos anos. E tu? — reflito, desesperada por mudar de assunto.

Ele lança-me um sorriso, mas não lhe chega aos olhos.

— Vinte e nove. Tenho uma casa num terreno tranquilo. Era do meu padrasto, mas ele deixou-ma antes de morrer. A minha mãe vive com o seu mais recente marido em Miami. Portanto, estou sozinho.

— E o teu pai biológico?

Tarde me dou conta de que não devia estar a bisbilhotar tanto, quando não quero que ele também o faça.

Mas nenhum de nós tem essa oportunidade.

O telemóvel dele vibra, chamando a sua atenção, e ele suspira, provavelmente a indicar que a nossa conversa curta e agradável terminou.

— Foda-se — resmunga baixinho, e os meus lábios tremem com um sorriso.

É apenas uma palavra, mas estava a começar a preocupar-me que ele fosse um menino de coro. Os seus olhos voltam a encontrar os meus.

— Detesto ter de sair tão cedo, mas...

— Tudo bem — interrompo, ignorando a pequena pontada de desapontamento.

Ele deixa cair uma nota de vinte dólares, mais do que suficiente para cobrir a possível conta de dez dólares.

— Sinto muito mesmo — diz ele, praguejando baixinho, enquanto se levanta.

Levanto-me também e complico as coisas, porque não sei se devo abraçá-lo, tocar-lhe ou acenar como uma idiota.

Aceno como uma idiota.

Porra.

Ele sorri, arqueando uma sobrancelha para mim e pergunta:

— Ligo-te mais tarde? — O seu trejeito transforma-se num sorriso.

Estou demasiado ocupada a sentir-me uma idiota para dizer alguma coisa, por isso, limito-me a acenar com a cabeça. Na verdade, não confio na minha boca para dizer algo menos estúpido do que este aceno incrivelmente estranho que continuo a fazer. É como se a minha mão tivesse perdido o contacto com o meu cérebro e continuasse a acenar.

Desta vez, o telemóvel dele toca e ele afasta-se para atender. Sento-me novamente e pergunto-me como planear um assassinio brutal pode ser mais fácil do que namorar.

O mundo está completamente louco.